

A POÉTICA E CULTURAS INDÍGENAS NO CONTEXTO ESCOLAR: CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA ANCESTRAL

*INDIGENOUS POETICS AND CULTURES IN THE SCHOOL CONTEXT:
PATHS TO VALUE ANCESTRAL CULTURE*

Thaila Bastos da Fonseca

Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3280752600555651>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6632-6439>

E-mail: thailabastos@yahoo.com

Greicielle Rodrigues da Costa

Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9612631713093045>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0037-6661>

E-mail: greiciellerodrigues5@gmail.com

Resumo: O trabalho investiga a literatura indígena como ferramenta para a construção da identidade cultural em sala de aula, promovendo a valorização dos povos originários e a desconstrução de estereótipos. O estudo tem como objetivo incentivar a leitura e a escrita, ampliando o conhecimento sobre autores indígenas da Amazônia e suas narrativas de resistência. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e participante, analisando como a inserção dessas obras no contexto escolar contribui para a efetivação da Lei 11.645/08, que determina o ensino da história e cultura indígena. Os resultados indicam que o contato com essa produção literária fortalece o reconhecimento da ancestralidade e possibilita a produção poética dos estudantes, impulsionando um processo de descolonização no ambiente escolar. Conclui-se que a literatura indígena é um instrumento essencial para a formação de uma educação mais inclusiva e representativa.

Palavras-chave: Ancestralidade. Escola. Indígena. Poética. Valorização..

Abstract: The work investigates indigenous literature as a tool for building cultural identity in the classroom, promoting the appreciation of indigenous peoples and the deconstruction of stereotypes. The study aims to encourage reading and writing, expanding knowledge about indigenous authors from the Amazon and their narratives of resistance. The research adopts a qualitative and participatory approach, analyzing how the inclusion of these works in the school context contributes to the implementation of Law 11,645/08, which determines the teaching of indigenous history and culture. The results indicate that contact with this literary production strengthens the recognition of ancestry and enables students' poetic production, promoting a process of decolonization in the school environment. It is concluded that indigenous literature is an essential instrument for the formation of a more inclusive and representative education.

Keywords: Ancestry. School. Indigenous. Poetics. Valuation.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo principal, descrever as atividades e as experiências desenvolvidas no âmbito do Projeto de Iniciação à Docência Interdisciplinar História/Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O projeto de ensino está sob a coordenação do Professor Macário Lopes de Carvalho Júnior, e sob a supervisão da professora Thaila Bastos da Fonseca, o qual foi desenvolvido na Escola Estadual Frei André da Costa, em Tefé-Amazonas. A temática visa abordar a cultura dos povos originários, despertar o interesse pela leitura e escrita e investigar o processo de construção da identidade cultural dos povos indígenas em sala de aula. Como também, colocar em evidência a literatura indígena produzida por escritores indígenas no contexto escolar, para assim desconstruir estereótipos e visões equivocadas sobre os povos ancestrais.

Além disso, propõe desenvolver o potencial artístico e poético dos estudantes, contribuindo para o protagonismo estudantil. Como também, desestabilizar concepções etnocêntricas sobre os povos indígenas. A temática é relevante uma vez que, os alunos conheceram as diversas obras de autores indígenas existentes e as produzidas na Amazônia. Nesta perspectiva, ao ter acesso e conhecimento desta literatura no contexto escolar, é mostrar a resistência desses povos, os quais durante muito tempo sofreram uma tentativa de silenciamento. Além disso, contribuir para o processo de descolonização escolar, colaborando para a ruptura com a colonialidade. Para assim, fazer valer a Lei 11.645/08, a qual visa garantir “[...] nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

A problemática emerge partindo do pressuposto de que é oferecido dentro dos espaços escolares, vivências descontextualizadas e que não fazem parte do cotidiano, tendo em vista que a mesma “escola que tem a preocupação em se integrar com a comunidade e capacitar seus alunos para nela atuarem, quer ignorar as manifestações de cultura que impregnam a comunidade de onde seus alunos provêm: a cultura popular” (Souza, 2011, p. 34). É necessário pensar e trazer para o chão da escola práticas pedagógicas que evidenciem os conhecimentos local e ancestral, romper com o saber hegemônico e construir caminhos para a pluralidade. Na tentativa de superar a dominação eurocêntrica nos espaços escolares. Posto que, em aquiescência com Moreira e Candau (2003, p. 161), “a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las”.

Diante do exposto, é urgente que as escolas, em seus planos de ações internos, promovam diálogos, ações interculturais e multiculturais que afirmem as identidades dos povos indígenas na escola. Desse modo, pensar em um currículo que se assenta fora dos padrões eurocêntricos de educação e construir práticas pedagógicas através de um pensamento decolonial. Isso implica o contato direto com obras literárias de autores e escritores indígenas. Somente assim estar-se-á promovendo uma educação libertadora e plural, priorizando o respeito à cultura indígena e sua ancestralidade. A inserção da produção literária indígena nas grades curriculares é imprescindível e necessária.

Não é a intenção aqui desprivilegiar o pensamento ocidental, mas construir uma educação libertadora pautada no entrelaçamento do saber indígena com os saberes de outros povos. Uma vez que, as questões culturais não podem mais ser ignoradas pelos educadores. Diante disso, é necessária a construção de uma escola “a partir de um pensamento decolonial, ou seja, que imprime novas epistemologias destacadas como essenciais no fortalecimento da identidade étnica e cultural dos diferentes povos indígenas” (Oliveira; Cruz, 2022, p. 184).

Para isso é necessário pensar a escola como um espaço de entrelaçamento de culturas, e as práticas pedagógicas devem ser pensadas e construídas a partir de uma perspectiva da decolonialidade, privilegiando as diferenças culturais e o multiculturalismo.

Abrir espaço para interculturalidade nos espaços escolares, sobretudo, na educação básica, é promover uma aprendizagem entre culturas que ensina condições de respeito e igualdade. É um processo de construção de conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes que visa a valorização e o reconhecimento das diferenças culturais.

Neste sentido, a literatura indígena, produzida por autores indígenas, tem uma relação

muito forte com os aspectos culturais, territoriais e de expressões identitárias dos povos indígenas. Diante disso, ao aplicá-la no contexto escolar, é um presente de afirmação das alteridades e identidades indígenas no contexto atual. Através dela, é possível proporcionar aos estudantes a tomada de consciência da construção da sua própria identidade cultural, seu processo híbrido e de entrelaçamento com outras culturas, para assim reconhecê-la e valorizá-la.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com abordagem participante, fundamentada na pesquisa-ação educacional. O objetivo central foi envolver os estudantes como protagonistas da aprendizagem, proporcionando um espaço de educação ativa e colaborativa. Conforme Nogueira (2014, p.10), as práticas pedagógicas multiculturais e étnicas são constituídas por “imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real capazes de expressar e/ou de representar modos de vida, coisas e a natureza de um lugar”.

A abordagem participativa, adotada nesta pesquisa, reforça o caráter interativo do processo de ensino-aprendizagem, estimulando o diálogo e a reflexão crítica sobre a cultura e identidade dos povos indígenas. Neste sentido, Bordenave (1985, p.16) enfatiza que “a participação é o caminho natural para o aluno exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo”. Assim, a pesquisa-ação participante possibilitou a construção de um ambiente educativo mais dinâmico e significativo, favorecendo uma aprendizagem mais autônoma e coletiva.

O estudo foi realizado com alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Frei André da Costa, localizada na área central do município de Tefé, Amazonas. Os participantes foram estudantes da rede estadual de ensino e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar - História/Letras, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O PIBID, vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa valorizar o magistério e aprimorar a formação de docentes para a educação básica. A metodologia adotada enfatizou a participação ativa dos envolvidos, buscando superar a concepção tradicional em que os estudantes são apenas receptores passivos do conhecimento.

Os procedimentos metodológicos envolveram inicialmente a apresentação da proposta pedagógica aos estudantes, seguida da leitura e análise do poema “Índio eu não sou” da autora indígena Márcia Kambeba, por meio de uma leitura dialogada e atividades interpretativas. Em seguida, realizaram-se rodas de conversa sobre a Lei 11.645/08 e os desafios enfrentados pelos povos indígenas na contemporaneidade. Complementarmente, os estudantes analisaram o texto “A raiva de ser índio”, do escritor indígena Daniel Munduruku, participando de atividades de interpretação textual para aprofundamento do conteúdo.

Para enriquecer a discussão, foram conduzidos estudos sobre a trajetória e produção literária de Daniel Munduruku, promovendo uma maior compreensão da literatura indígena. Ao final das atividades, aplicou-se um questionário aos estudantes para avaliar o impacto do projeto no processo de ensino e aprendizagem sobre a cultura dos povos ancestrais na educação básica.

A coleta de dados incluiu também depoimentos escritos dos estudantes sobre suas experiências e percepções ao longo do projeto. Relatos como os de Nary Jennifer dos Reis, Ana Carolina Duarte da Cruz e Keubia Mirella de Souza Gomes evidenciam a relevância da temática abordada para a formação identitária e a superação de preconceitos.

Por fim, foram realizadas oficinas de produção poética, nas quais se exploraram a estrutura e a expressividade do texto poético. Essa atividade buscou incentivar a criação de poesias autênticas pelos pibidianos e estudantes, promovendo a valorização e preservação da cultura milenar dos povos ancestrais da Amazônia nos espaços escolares.

Referencial Teórico

Este estudo fundamenta-se na intersecção entre literatura indígena e pesquisa-ação participante, dois conceitos essenciais para a construção e manutenção de um ensino mais crítico

e engajado. A literatura indígena, enquanto manifestação da oralidade e resistência cultural, desempenha um papel central na valorização das tradições ancestrais e na formação identitária dos povos originários. Paralelamente, a pesquisa-ação participante possibilita uma abordagem educativa dialógica, promovendo a interação entre professores, estudantes e a comunidade escolar, visando à transformação social e ao fortalecimento da participação coletiva.

No contexto específico da valorização das culturas ancestrais da Amazônia no espaço escolar, a literatura, especialmente a poesia, surge como uma ferramenta poderosa para a preservação e a ressignificação das tradições orais. Paes (1995, p. 01) destaca que o texto poético é um espaço privilegiado para a expressão do imaginário e dos sonhos, possibilitando que os estudantes se reconheçam como parte de uma história coletiva. Nesse sentido, Walter Benjamin, citado por Thompson (1992, p. 19), enfatiza que “qualquer um de nós é uma personagem histórica”, ressaltando a importância de valorizar narrativas individuais dentro de um contexto mais amplo de identidade cultural. Assim, a literatura indígena, conforme argumenta Munduruku (2018, p. 83), é a afirmação da oralidade em um tempo que historicamente a nega. Dessa forma, ao promover a criação poética no ambiente escolar, abre-se um espaço para que os estudantes reconectem-se com suas tradições ancestrais e fortaleçam sua identidade cultural.

A pesquisa-ação educacional tem sido amplamente utilizada como uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, possibilitando que a prática docente seja aprimorada a partir da reflexividade e da interação com a realidade escolar. Dallari (1991, p.44) destaca que “a participação coletiva só se dá por meio da integração em qualquer grupo social”, o que ressalta o papel fundamental da educação como meio de viabilizar essa participação. Nesse sentido, a escola e as instituições educacionais funcionam como espaços de construção coletiva do conhecimento, ampliando as possibilidades de reflexão crítica dos sujeitos sobre sua própria realidade (Díaz Bordenave, 1985).

No campo da pesquisa, a investigação participante torna-se essencial para evitar armadilhas interpretativas e para superar estereótipos, permitindo que a subjetividade seja analisada de forma mais criteriosa. Whyte (2005, p. 301) propõe que a abordagem investigativa não deve apenas trabalhar do passado para o presente, mas sim partir da compreensão das condições atuais para então analisar suas relações históricas. Esse método possibilita uma observação mais engajada e participativa, promovendo uma imersão mais profunda na realidade investigada.

A pesquisa-ação participante, conforme apontado por Cano (2003, p. 59), é um processo educativo que permite a autoformação e o autoconhecimento da realidade. Dessa maneira, a interação entre pesquisadores, professores e alunos torna-se um elemento central na construção coletiva do saber, favorecendo a socialização e a abertura do diálogo. Esse aspecto torna-se especialmente relevante quando se considera a educação escolar de comunidades indígenas, caracterizada por sua dimensão comunitária, baseada no consenso, na solidariedade e no senso de coletividade (Gadotti, 2000, p. 21). Assim, a pesquisa-ação educacional aliada à literatura indígena mostra-se como uma alternativa metodológica essencial para fomentar a participação ativa dos alunos e garantir que a educação seja um processo significativo e transformador.

Resultados e Discussões

A implementação do projeto pedagógico voltado às culturas indígenas proporcionou reflexões significativas entre os estudantes. Os relatos coletados evidenciam o impacto positivo das atividades desenvolvidas, especialmente no reconhecimento e valorização da identidade indígena, bem como na desconstrução de estereótipos enraizados na sociedade.

A aluna Nary Jennifer dos Reis destaca a relevância do estudo sobre os povos indígenas na compreensão da identidade nacional brasileira. Em seu depoimento, ressalta a presença da cultura indígena em diversas manifestações culturais, como danças, festas populares, culinária e língua. Sua fala evidencia o impacto do projeto na ampliação do conhecimento histórico e cultural dos estudantes, além de ressaltar a necessidade do respeito aos povos indígenas e a importância da educação como ferramenta para a desconstrução de preconceitos. Ela diz:

As aulas sobre os indígenas foram muito importantes para sabermos e aprendermos a cultura que possui importância fundamental na construção da identidade nacional brasileira. A cultura indígena está presente nas danças, festas populares, culinárias e principalmente na língua e também sobre o respeito que devemos a cada um, estudar sobre os povos indígenas é uma ótima oportunidade também para quebrar estereótipo e entender que os indígenas são parte da sociedade devem estar presentes em todos os setores. Estudar cultura indígena é muito importante para saber o valor a origem de cada comida, dança e outras coisas e entender a cultura os costumes saberes e tradição desses povos. Para desconstruir o preconceito é de direito dá uma educação formal diferenciada com respeito a cultura dos nativos e a construção de escolas indígenas nas aldeias.

No relato da aluna Ana Carolina Duarte da Cruz, observa-se um aspecto ainda mais profundo do impacto do projeto: a afirmação identitária. Ana Carolina revela que, antes das atividades, sentia vergonha de sua ancestralidade devido a experiências de discriminação. No entanto, ao participar das discussões e aprender sobre a história e os direitos dos povos originários, ela se sentiu encorajada a se reconhecer como indígena diante de seus colegas. Esse resultado é um indicativo da força da educação na ressignificação da identidade e no fortalecimento da autoestima dos estudantes indígenas. A estudante afirma:

Falar sobre os povos indígenas foi bem legal falaram sobre as histórias antigas que aconteceram e que ainda estão presentes no nosso cotidiano e todos nós gostamos da aula sobre os indígenas. Aprendemos sobre as histórias antigas sobre os povos indígenas e isso é muito importante para conhecermos os seus modos de vida, cultura, costumes, religiosidade, e nós aprendemos que não devemos apelidar nossos colegas de “índio”, pois é um termo inadequado e assim estamos desrespeitando os originários, eu sou indígena e temos que lutar pelos nossos espaços e direitos.

A estudante Keubia Mirella de Souza Gomes também enfatiza a importância do estudo sobre os povos indígenas para a compreensão de suas culturas e para a redução do preconceito. Seu relato reflete a percepção de que a marginalização dos povos indígenas ainda persiste e que é necessário um esforço coletivo para combatê-la:

É muito importante ter aula sobre os povos indígenas e saber um pouco sobre suas culturas. Estudar as culturas dos povos originários é importante para todas as pessoas assim como para os alunos, muitas pessoas não os valorizam acham que só porque eles são indígenas eles não devem ter os mesmos direitos que os demais. Há muito preconceito com os povos indígenas, eu mesma não entendo o porquê, são pessoas como qualquer outra, vamos nos aprofundar mais nas culturas dos povos ancestrais, elas são tão interessantes, vamos ser mais solidários uns com os outros, pois somos todos iguais.

Essa declaração reforça a necessidade da inclusão de conteúdos sobre os povos originários no currículo escolar como forma de conscientização e formação cidadã.

O relato acima revela a importância de se estudar acerca da cultura dos povos indígenas, pois ajuda a desconstruir muitas coisas, sobretudo, juízos de valores e atitudes preconceituosas. Pois, conforme a entrevistada somos todos iguais. Diante de tal constatação, é muito gratificante para a equipe do PIBID/INTERDISCIPLINAR/HISTÓRIA-LETRAS ler tais relatos, pois é uma forma de desconstruir todos os preconceitos construído sobre os povos originários. Desse modo, o desafio de valorização da cultura, estímulo à leitura ou qualquer outro fator de contribuição ao

desenvolvimento do estudante é um trabalho a ser assumido por aqueles que têm a obrigação de levar à frente, processos de tomadas de consciência, ou seja, os professores. É indispensável dotar a escola de instrumentos didáticos para trabalhar com a diversidade, transformar a diversidade conhecida e reconhecida numa vantagem pedagógica.

A Poética da Resistência: Narrativas Indígenas e a Busca por Visibilidade

As produções poéticas dos alunos trazem uma grande reflexão sobre as memórias ancestrais dos povos indígenas, abordando temas de resistência, luta pela preservação da cultura e afirmação identitária. Os poemas representam uma tentativa de resgatar as narrativas de luta e superação e também de ressignificar a história dos povos indígenas na atualidade. Ao evocar figuras como os Omáguas, Kokamas e Kambebas, e refletir sobre a ancestralidade, esses textos articulam uma visão crítica sobre o processo de colonização e a marginalização das culturas indígenas ao longo do tempo. A poética, nesse sentido, não se limita ao campo da arte, mas se insere como um instrumento de luta e resistência, como podemos observar nos poemas:

SOMOS TODOS INDÍGENAS

Por Adriano Freitas

Em meio a tantos povos indígenas,
Omáguas, Kokamas, Kambebas.
Surge o despertar da nossa ancestralidade,
Povos que sofreram e lutaram.

Viviam em florestas,
Preservavam e cuidavam dos animais.
Moravam em aldeias,
Nossos ancestrais viviam em paz.

Apesar de tantas lendas e rituais,
Pelos portugueses foram considerados banais!
Grite, lute, suspire...
Pois somos a herança desses ancestrais!

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Por Alcimara Rocha

Nas terras indígenas faço denúncias em versos.
Sangue foi derramado, em nome do progresso!
A cobiça desenfreada, envenenando a natureza,
A história indígena é uma ferida que não cessa!

Das aldeias silenciadas, ecoam as vozes,
Resistência, contra tantas escolhas atrozess.
Lutas pela terra, pela cultura e identidade,
Os povos indígenas ainda buscam por liberdade!

Quebrar as correntes, trazer justiça e igualdade,
Valorizar as raízes e a ancestralidade.
Povos indígenas, de lutas e resistências,
Que ainda lutam por sua sobrevivência!

Culturas tão ricas, saberes ancestrais,
Desrespeitados por interesses comerciais.
Que possamos aprender com sua história e tradição.
Valorizar suas culturas e suas crenças sem distinção.

POR QUE JULGAS OS POVOS INDÍGENAS?

Por Fábio Freitas da Rocha

Por que julgas os indígenas?
Se não sabes a sua história...
Por que julgas os indígenas?
Se não sabes sua trajetória...

Não sabes as dores que passaram?
O sofrimento e horror!
Então, procures saber,
O real sentido da dor!

São povos originários!
Os verdadeiros donos destas terras
Pois muitas pessoas desfrutaram
Desta conquista-invasiva!

Hoje é mais que necessário,
Terem visibilidade,
Nesta sociedade,
Que por muito tempo, os discriminaram!

VALORIZAÇÃO ANCESTRAL

Por Gabriela de Souza

Por um erro de rota que se deu,
Um estereótipo para nós nasceu!
Um nome errado e equivocado,
Que até hoje para o nosso povo é taxado!

Além de ser usada a generalização,
A sociedade comete o ato de segregação!
Com acontecimentos históricos que deixou
Vestígios do passado e a dor de algo que nos foi roubado.

O desejo instaurado é,
Que nossos antepassados sejam respeitados!
A valorização da tradição, pois uma cultura respeitada
Deve ser sempre celebrada!

INDÍGENA

Por Maria Sebastiana (Tiana)

Que desperte dentro de nós,
Os anseios dos nossos antepassados.
Para trazer à tona, nossas raízes culturais.
Presenteadas pelos povos ancestrais.

Os povos indígenas são guerreiros,
E têm sempre uma história para narrar
Através de suas dores e resistências,
Tem muito a nos ensinar.

Com respeito e amor,
Devemos os tratar
Não existe “cara de índio”
E sim uma identidade a nos representar!

As produções poéticas, dos sujeitos envolvidos na pesquisa, revelam memórias ancestrais de lutas, resistência e afirmação identitária. Essas poesias são uma tentativa de sentir e interpretar as diversas realidades e atrocidades vivenciadas pelos povos indígenas. No sentido de contribuir para a construção de uma sociedade em que as vozes sociais indígenas possam ser ouvidas, acreditadas e respeitadas. E não mais negligenciadas, subestimadas, silenciadas e marginalizadas, como foi durante muito tempo pela cultura eurocêntrica. Diante disso, Fonseca (2021, p. 268) destaca:

A ação colonial na Amazônia teve consequências irreparáveis, principalmente no que se refere ao patrimônio cultural imaterial desta região. Houve uma tentativa de silenciamento e apagamento da cultura da tradição oral, através de um discurso desqualificador dessas narrativas e desprezo pela pluralidade de saberes, taxando o povo como primitivo (Fonseca, 2021, p. 268).

Em contrapartida, as narrativas poéticas indígenas resistem e têm muito a ensinar, sobretudo, nos espaços escolares, se usadas de forma efetiva e que faça sentido na vida dos alunos, ela se torna uma grande aliada no processo de ensino e aprendizagem, e de conhecimento da cultura ancestral. Para Kambéba (2018), as narrativas dos povos indígenas “nos dão possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território” (p.39). Esses poemas, em conjunto, formam um retrato potente das questões que envolvem a luta indígena e a preservação de sua identidade cultural, além de serem um reflexo da desconstrução de estereótipos e da busca por justiça social.

Tabela 1. Principais Temas Comuns nos Poemas

Tema	Poema(s) Relacionado(s)
Luta e resistência	“Somos Todos Indígenas”, “Resistência Indígena”, “Por que Julgas os Povos Indígenas?”, “Indígena”
Ancestralidade e identidade	“Somos Todos Indígenas”, “Resistência Indígena”, “Valorização Ancestral”, “Indígena”
Valorização da cultura indígena	“Valorização Ancestral”, “Indígena”
Denúncia contra a opressão	“Resistência Indígena”, “Por que Julgas os Povos Indígenas?”, “Valorização Ancestral”
Crítica aos estereótipos	“Valorização Ancestral”, “Indígena”
Visibilidade e justiça social	“Por que Julgas os Povos Indígenas?”, “Resistência Indígena”, “Valorização Ancestral”
Natureza e preservação	“Somos Todos Indígenas”, “Resistência Indígena”

Fonte: Produção própria.

Assim, através das produções poéticas, é possível constatar a forte presença da ancestralidade indígena, presença esta que atravessa gerações, e que fazem soar novas vozes poetizadas capazes de afirmar a identidade ancestral e cultural desses povos em sala de aula. Para Graúna (2013, p. 55), “apesar da falta de seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível”. Essas vozes ecoaram se fizeram ouvir por intermédio de cada produção poética dos estudantes, mostrando que estão vivas as histórias e memórias dos povos indígenas. Porém isso só foi possível através da descolonização das práticas pedagógicas e o entrelaçamento dos saberes indígenas com os de outros povos.

Conclusão ou considerações finais

Através deste projeto, foi possível promover o respeito às culturas e vivências dos povos

indígenas em sala de aula, ao mesmo tempo em que despertou nos estudantes a consciência sobre sua ancestralidade. O desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à literatura indígena colaborou também para o fortalecimento do hábito da leitura e da escrita poética, além de promover o respeito à diversidade cultural e o reconhecimento das produções literárias de escritores indígenas. Esses povos, que resistem e perpetuam uma multiplicidade de saberes e conhecimentos, são herdeiros de uma rica tradição que atravessa gerações.

A abordagem interdisciplinar e plural da cultura indígena no contexto escolar proporcionou um espaço para a integração da literatura, história e cultura indígena, evidenciando como os acontecimentos históricos, por vezes misturados a elementos da imaginação, constroem um campo fértil para o aprendizado. Ao longo da implementação do projeto, verificamos que o texto poético se configura como um veículo que possibilita o autoconhecimento, o reconhecimento do outro e a ampliação da visão de mundo dos alunos.

O contato com a poesia sensibilizou os discentes, ampliando sua capacidade de expressão e comunicação, incluindo a comunicação consigo mesmos. Além disso, a vivência com a poesia permitiu aos alunos expressar suas próprias experiências de forma criativa, dando vazão ao potencial artístico latente em cada um deles.

Este projeto também se configurou como uma ferramenta importante na valorização da cultura indígena, desmistificando estereótipos e preconceitos ainda persistentes, enraizados nas marcas da colonização. De forma central, destacou-se que os povos indígenas, embora muitas vezes marginalizados, continuam a resistir e a se afirmar, conquistando seu espaço, especialmente no campo literário. Reforça-se, portanto, a importância da inserção desses saberes no currículo escolar, com ênfase no cumprimento da Lei 11.645/08, que determina o ensino de História e Cultura Indígena nas escolas.

A pesquisa não se encerra aqui, pois ela abre novos caminhos para a prática pedagógica, destacando a necessidade de um ensino decolonial que possa dar visibilidade e respeito às diversas culturas indígenas. O trabalho realizado sugere que novas pesquisas e práticas pedagógicas continuem a explorar como a literatura indígena pode ser um agente transformador na educação. Assim, propomos que futuras investigações busquem aprofundar as metodologias de ensino que integrem de forma mais efetiva essas práticas nos espaços escolares, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Referências

BASTOS DA FONSECA, T. Poesia pan-amazônica: resistência e valorização da cultura local na escola estadual São José, Tefé-Amazonas. **Revista Decifrar**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 266–278, 2021. DOI: 10.29281/rd.v9i17.9118. Disponível em: [//periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/9118](http://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/9118). Acesso em: 11 mar. 2024.

CANO, Flores M. **Investigación participativa**: inicios y desarrollos. Xalapa: Nueva, 2003.

DALLARI, Dalmo A. **O que é participação política**. 9. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é participação**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 3.ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2013.

KAMBEBA, M. W. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H.H.S.; DANNER, F. (Orgs). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação,

crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. **Educação escolar e culturas**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, n. 23, mai.-ago, 2003.

MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MUNDURUKU, D. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H.H.S.; DANNER, F. (Orgs). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá**: imaginário e espetáculo na Amazônia. Manaus: Valer, 2014.

OLIVEIRA, M. I.; CRUZ, J. G. Epistemologias decoloniais: reflexões a partir da educação escolar indígena na cidade de Manaus-Amazonas. In: NASCIMENTO, A. C. S.; SILVEIRA, C.; LOUREIRO, L. F.; SOUSA, M. J. S.; OLIVEIRA, P. T. (Orgs). **Interfaces da educação e da docência na Amazônia**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PAES, José Paulo. **Quem, eu? Um poeta como outro qualquer**. São Paulo: Atual, 1995.

RODRIGUES, A. C. A.; CALDAS, E. C. R.; SIMÕES, L. B. T.; DANTAS, P. V. C. (Orgs). **Literatura indígena**: práticas leitoras para a sala de aula. Rio Branco: Nepan Editora, Edefac, 2023.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula** – Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. 2. ed. Manaus: Valer, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

Recebido em 10 de abril de 2025
Aceito em 13 de maio de 2025